

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

MARCELLIN BOULE et L. DE VILLENEUVE — *La grotte de l'Observatoire à Monaco* — « Archives de l'Institut de Paléontologie Humaine », mémoire I, 1 vol. de 113 págs., 16 figs. e 27 est. fora do texto. Paris, Masson & C.<sup>ia</sup>, ed., 1927.

Depois de explorar, com tão frutuosa resultados, as grutas de Grimaldi, M. de Villeneuve não ficou inactivo. Em 1916, de acôrdo com os desejos do Mecenaz e homem de sciência que foi o falecido Príncipe Alberto de Mônaco, iniciou a exploração metódica da gruta chamada do Observatório, em Mônaco, gruta situada na parte superior da escarpada montanha rochosa, onde se estabeleceu o « Jardim das plantas gordas », maravilha botânica dotada com mais de 4.000 espécies de formas estranhas, provenientes de tôdas as regiões sub-tropicais do globo.

Êste volume magnífico, depois de justas palavras preliminares de M. Boule em homenagem ao Príncipe e a M. de Villeneuve, contém sucessivamente uma descrição detalhada e rigorosa do local e das escavações, feita por M. de Villeneuve, e um longo e magistral estudo dos documentos paleontológicos e arqueológicos, com considerações estratigráficas e comparativas, da pena do sábio paleontologista e prehistoriador do Museum de Paris, M. Boule.

A gruta do Observatório forneceu em níveis diferentes, no seio de depósitos resultantes da acumulação de elementos vindos do exterior e de produtos de desmoronamentos e de desagregação locais, cinzas, ossos animais e objectos líticos, que são susceptíveis de se reunir em três grupos, correspondentes a uma larga ocupação da gruta — situada em favoráveis condições de defesa — e a uma sucessão de fases prehistóricas que vão desde o paleolítico antigo ao aurignacense, representado amplamente pelo grupo superior e imediatamente seguido de reduzidos vestígios neolíticos. Cada grupo compreende a sua utensilhagem especial e vários tipos animais, cuja determinação é feita com a sua admirável competência pelo prof. Boule, sendo dignos de registo particular os seus estudos: sôbre o dimorfismo sexual da *Capra ibex* e suas variações diversamente acentuadas nos membros posteriores e anteriores; sôbre os restos muito interessantes (que faltam nas

grutas de Grimaldi) do canídeo *Cuon alpinus*, raça *europaea*; sôbre a raposa azul de Mônaco, etc. Faltam na gruta do Observatório certas formas características, como o *Elephas antiquus*, *Hippopotamus amphibius*, a camurça, o alce, etc., que se encontraram nas grutas de Grimaldi, mas aparecem o *Rhinocerus Mercki* (no grupo médio), a rena (no grupo superior e talvez no médio) e outras formas comuns a estas grutas, e, além disso, o *Cuon*, a raposa azul, o linco do norte, uma espécie de *Ovis*, talvez outra, muito interessante, de *Cervus*, devendo notar-se que estas últimas formas não tinham ainda sido registadas na fauna pleistocena da região.

É curioso que as matérias primas dos instrumentos líticos são, dos mais antigos para os mais modernos, o calcáreo, a quartzite e o sílex. Apareceu, por exemplo, na parte mais profunda do grupo inferior uma bela peça amigdaloide em calcáreo, do tipo chelense. Mais acima, no mesmo grupo, encontraram-se outros restos duma indústria lítica, muito grosseira, quasi exclusivamente em quartzite e calcáreo. O sílex é rarissimo nêsse grupo. Estudando as relações entre os progressos industriais da cultura lítica e as matérias primas utilizadas, cita o sr. prof. Boule algumas estações de vários países em que o facto registado em Mônaco encontra paralelos, e entre essas estações fala de estações portuguesas. Recordaremos também os instrumentos de aspecto bastante primitivo, em calcáreo e quartzite, de Vale de Alcântara, Campolide, descobertos e estudados por Fonseca Cardoso e depois discutidos por alguns autores. O grande instrumento em calcáreo, dessa proveniência, vem referido como um *coup de poing* chelense por Mortillet em *Le Préhistorique*. A nosso ver, as considerações de Boule sôbre as matérias primas e a evolução lítica na gruta de Mônaco, veem confirmar o carácter primitivo dêsse objecto que foi muito controvertido entre nós, mas com cuja inclusão no paleolítico inferior sempre concordámos (vid. pág. 6 da nossa separata *Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa*, «Gente Lusa», Granja, 1916).

O grupo estratigráfico inferior de Mônaco contém tipos de formas chelenses, acheulense e mustierense. O grupo médio tem um aspecto mustierense acentuado, mesmo do mustierense chamado superior. Corresponde à fácies arqueológica dos níveis inferiores das grutas de Grimaldi. O grupo superior, com uma indústria muito diferente, quasi exclusivamente de sílex, é de carácter aurignacense, idêntico aos níveis quaternários superiores das grutas de Grimaldi. Combinando os elementos arqueológicos relativos a estas últimas com os novos dados da gruta de Mônaco, o prof. Boule estabelece a seguinte sucessão nesta área da Côte d'Azur: 1.º Chelense ou Acheulense, com fauna quente de *Elephas antiquus*

e hipopótamo; 2.º Mustierense, a) de fauna quente, b) de fauna fria; 3.º Aurignacense; 4.º Neolítico.

Deveras importantes são as conclusões gerais dêste notável trabalho. O prof. Boule declara, por exemplo, que o madalenense é suprimido nesta região e «destronado», como elemento fundamental do paleolítico superior, pelo aurignacense, cuja repartição é vastíssima e se prolonga até ao neolítico. A propósito dos níveis inferiores, afirma que é certamente «uma ideia feita e em parte falsa» que as divisões arqueológicas devam, por tôda a parte, ser sincrónicas e corresponder sempre às mesmas divisões geológicas ou paleontológicas. Quanto às origens das culturas mais antigas de Mônaco, não oculta a sua obscuridade, tanto mais que «o estudo *estratigráfico* do paleolítico africano está ainda na infância». Para o aurignacense, uma origem separada da das culturas anteriores, mas ainda africana, parece-lhe «um pouco mais clara», mas «ainda falta muito para a solução do problema e até para o pôr claramente».

Temos a impressão de que o estudo da arqueologia peninsular, mesmo especialmente da portuguesa, virá contribuir para essa solução. As relações culturais com o norte de África são aqui muito admissíveis. Infelizmente também no nosso país se regista ainda a escassez de referências *estratigráficas*, a que o prof. Boule alude para a África.

É de primeira ordem como contribuição para o conhecimento paleontológico e arqueológico do quaternário o belo volume com que o Instituto de Paleontologia Humana inicia a série dos seus «Arquivos». Para nós mesmos, portugueses, êle oferece, como vimos, um interesse muito especial. Acresce que é admiravelmente editado, esplêndidamente ilustrado. Às escavações realizadas com método, perseverança e proficiência, sucedeu o estudo consciencioso, a sábia e ponderada interpretação do espólio documental pelo sr. prof. Boule. A excelente factura material do volume publicado veiu constituir o complemento satisfactorio e lógico de tão nobres esforços.

— MENDES CORRÊA.

DR. ALFREDO CASTELLANOS — Un nuevo Dasipodino extinguido de la parte meridional de Bolivia — *Dasypodon atavus* — N. g. & n. sp. — «Anales del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires», t. XXXIII, Dezembro, 1925.

Nesta memória o autor descreve uma forma nova dêste grupo de desdentados fósseis encontrada na Bolívia em Setembro

de 1922, quando se procedia à terraplenagem para a construção da linha férrea de La Quiaca (Argentina) a Tupiza (Bolívia), portanto no território limite entre estes dois países. Primeiro é estudado o terreno em que este fóssil foi encontrado — um arenito margoso, amarelo escuro, de textura compacta. O exame é metódicamente feito, como nos trabalhos anteriores, descrevendo o crânio nas suas várias normas, fazendo a diagnose diferencial com as outras espécies e dando as figuras que representam o novo género e a nova espécie, bem como as dimensões características.

A existência dum escudo pélvico nesta forma diferencia-a do *Eodasyppus*, no qual a couraça é constituída por faxas móveis; a ausência de escudo escapular separa-a dos géneros *Dasyppus*, *Chaetophractus*, *Zaedyus*, e outros.

Para comparação expõe os caracteres numéricos das placas das faxas móveis, o que é muito instrutivo para a diagnose diferencial entre as espécies da mesma família. Dá-nos também das placas pélvicas as dimensões que são distintivas. Acompanha este trabalho uma extensa e escolhida bibliografia.

BETHENCOURT FERREIRA.

DR. ALFREDO CASTELLANOS — *Sobre un nuevo Gliptodontido chapadmalense — Urotherium simplex — N. g. & n. sp. — y las formas afines — Tiragem à parte dos «Anales do Museo Nacional de Historia Natural» «Bernardino Rivadaria», de Buenos Aires, t. XXXIV, Dezembro, 1926. 1 est.*

Esta monografia foi feita sobre um exemplar muito curioso do Museu de Buenos Aires e que o autor verificou ser representante dum género novo e duma espécie nova.

Esse achado interessante pertence ao grupo dos *Gliptodontes*, já tão notavelmente representados no referido Museu. O dr. Castellanos trata da diferenciação que permite aparentar a forma encontrada com as espécies dos géneros *Palaehoplophorus* e *Neuryurus*.

Estabelece a diagnose do novo género e da nova espécie, figurada claramente numa estampa à parte, bem como das separatas *Urotherium intermidatum* (Amegh.) e *U. antiquum* (Amegh.) e do género *Neuryurus* e suas espécies, com abundância de pormenores e de documentação.

B. F.

M. ALEJO VIGNATI — *La Geologia de Monte Hermoso — (Physis)*. «Rev. dela Soc. Argent. de C. N.», VIII, 23 de Maio de 1925. Buenos Aires, 1925.

Nesta nota vem publicada a descrição das camadas geológicas que constituem esta paragem platense, que se começou a estudar em consequência das observações do célebre naturalista C. Darwin, seguindo-se nêsse estudo Bravard, Burmeister, Ameghino, B. Willis, Hrdlicka e outros. O autor acha que os andares estudados e de natureza mui distinta, não pertencem à mesma formação estratigráfica e se referem à camada chapadmalense, o que é confirmado pela análise dos terrenos e também pelos elementos paleontológicos conhecidos e descritos por F. Ameghino.

B. F.

EUGENIO JALHAY — *A estação asturiense de La Guardia (Galiza) — «Brotéria», vol. VI, fasc. II, Fevereiro de 1928, Caminha.*

A cultura asturiense, revelada pelo eminente prehistoriador espanhol o sr. Conde de la Vega del Sella depois das suas investigações na Cueva del Penicjal e noutras grutas e jazigos do país vizinho, está mostrando uma extensão superior àquela que a princípio se supunha possuir. O rev. Eugenio Jalhay, a quem se devem já valiosos trabalhos sobre arqueologia galáica e sobre o problema da origem do homem, dá-nos no presente estudo a descrição minuciosa e proficiente duma abundante estação asturiense descoberta em La Guardia pelo sábio fitologista rev. A. Luisier, depois de vários achados isolados de artefactos da mesma natureza, encontrados nas proximidades pelo ilustre autor deste trabalho, que fez a exploração e o estudo da nova estação. Esta forneceu ao rev. Jalhay mais de cem picos e uns doze instrumentos de formas diversas. Os objectos são em geral maiores do que na região cantábrica, parecendo haver entre os tipos galegos um ainda inédito, de forma espalmada.

A vizinha estação pré-histórica de Camposancos, descrita pelo sr. dr. Joaquim Fontes, forneceu um pequeno número de picos de tipo asturiense, misturados com numerosos *coups-de-poing* e discos lascados nambas as faces. Estes permitiram ao ilustre arqueólogo português classificar a estação como paleolítica. A presença daqueles picos levou, porém, alguns autores a datar do asturiense todos os objectos. É de esperar que o assunto se esclareça e que, como alvitra, com a sua grande autoridade, o prof. Obermaier,

haja uma e outra culturas em Camposancos (que não deve confundir-se com a nova estação de La Guardia).

O autor faz uma explanação sobre o asturiense em geral, considerando-o, como outros autores, post-paleolítico e pre-neolítico, para o que se baseia em vários motivos, especialmente na falta de certos objectos e em elementos paleontológicos. Procura também averiguar qual teria sido a aplicação dos picos asturienses, e entende que as condições locais dos achados de La Guardia veem confirmar a suposição do sr. conde de la Vega del Sella, segundo o qual os picos serviriam para desprender as lapas (*Patella*) dos rochedos a que aderiam.

Um conhecimento directo das estações asturienses já descobertas, orientou com segurança o sr. P.<sup>o</sup> Jalhay no estudo dos achados de La Guardia. O sr. conde de la Vega del Sella previra a extensão daquela cultura à Galiza. As descobertas de La Guardia confirmaram a previsão. O sr. P.<sup>o</sup> Jalhay escreveu no seu trabalho que provavelmente também essa indústria existia nas costas portuguesas. A descoberta dum pico há anos no norte do país pelo sr. dr. Ruy de Serpa Pinto conduziu este joven investigador à descoberta duma abundante estação asturiense no mesmo ponto em que fizera aquele achado. É a primeira estação dessa cultura que se encontra no nosso país. O curioso é que o conhecimento que eu tinha dos objectos da Cueva del Penicil e outros não me levou a identificar o pico primeiro encontrado pelo sr. Serpa Pinto, que m'o mostrara e que veio a identificá-lo felizmente perante as estampas do trabalho do sr. P.<sup>o</sup> Jalhay.

Ao mérito intrínseco deste trabalho acresce, pois, ainda o de ter permitido ao sr. Serpa Pinto dar o realce devido à sua excelente descoberta duma nova e importante estação asturiense. Duplicado jus tem portanto o P.<sup>o</sup> Jalhay às nossas felicitações.

M. C.

P.<sup>o</sup> EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia — Alrededores de Oya, Provincia de Pontevedra* — No «Boletín Arqueológico de la Com. Prov. de Monumentos Hist. e Art. de Orense», t. VII, n.<sup>o</sup> 167, pág. 373 a 385, com 10 figs. Orense, 1926.

O P.<sup>o</sup> Jalhay, a quem a prehistória galaica deve já notáveis descobertas, descreve oito penedos com insculpturas, dos trinta e poucos encontrados, por êle e pelo P.<sup>o</sup> Adelino da Silva, na região

de Villadesuso-Pedornes-Oya, entre a margem esquerda do Minho e a costa.

«É extraordinária a semelhança que as insculpturas galegas teem entre si, e é este o carácter particular que as distingue de outras conhecidas no resto da península, e as faz constituir uma família ou grupo à parte», escreve o autor (pág. 374), não querendo dizer com isso que não se encontrem noutras regiões.

Efectivamente esta cultura propaga-se pelo norte de Portugal até à Beira-Alta, estando muito pouco estudada (Pedro Vitorino, Amorim Girão).

A partir da margem direita do Douro (Baltar, Penafiel, Tougues, Cachão da Rapa, Sales, Alijó) começam a aparecer as pinturas supestres, em dolmens e abrigos, que não se encontram na Galiza, e com as quais as gravuras galegas teem algumas afinidades.

Entre os petroglifos representados pelo autor, figuram os animais estilizados, tipicamente galegos, e um curioso carro tirado por dois animais geminados (como sucede em Alvão). Aparecem além disso estilizações humanas, quadrados com cónchas, círculos concêntricos e enxadrezados já conhecidos.

Esperamos com grande interesse a publicação dos petroglifos portugueses da foz do Minho e de Viana do Castelo, citados pelo autor.

RUY DE SERPA PINTO.

BOSCH GIMPERA e L. PERICOT — *La Civilisation de la Péninsule Iberique pendant le néolithique et l'énéolithique* — Extr. de «L'Anthropologie», 1925.

Contam-se os trabalhos que, como este, apresentam em poucas páginas um tão precioso resumo de conhecimentos sobre o neolítico peninsular. Consideram os autores vários círculos de cultura ibérica durante o neolítico final: *cultura ocidental ou dos megálitos portugueses, cultura central, cultura de Almeria e cultura pirenaica*, sendo digno de exemplo o método adoptado para o estudo sincrónico das várias provincias culturais, visto que a cronologia foi baseada nas sepulturas megalíticas portuguesas e estações de Almeria, e o sincronismo das culturas nas pontas de setas e uso do vaso caliciforme. Em primeiro lugar os autores consideram no paleolítico duas regiões artísticas: a franco-cantábrica, caracterizada por uma arte naturalista, e a região do SE., onde se desenvolveu a arte impressionista do capsense, correspondendo a esta

diversidade o contraste entre as raças pré-históricas do norte da Península e a que prepondera nas outras regiões.

Neste campo os autores não puderam chegar a um resultado definitivo visto que os estudos de antropologia pré-histórica da região cantábrica ainda não puderam atingir o desenvolvimento alcançado em Portugal graças aos esforços do sr. prof. Mendes Corrêa. No estudo das várias províncias culturais referem-se em primeiro lugar à civilização dolménica portuguesa, salientando que Portugal e a Escandinávia possuem as mais antigas construções megalíticas, do período final do neolítico puro. Incluem os dolmens de Alvão no neolítico puro pondo muito ligeiramente em dúvida a autenticidade das esculturas e sinais alfabetiformes, tão apaixonadamente discutidos nos últimos tempos em virtude dos achados de Glozel, mas de cuja autenticidade me não parece lícito duvidar.

Consideram no neolítico duas fases: a fase A, caracterizada pelas grutas de Palmela, com pouco metal e sem machados polidos, época em que se desenvolve o vaso caliciforme, e a fase B marcada pelo aparecimento dos monumentos alcalarenses; com o princípio da idade do Bronze os tipos de Alcalar aproximam-se dos de Almeria e de El Argar. A cultura megalítica portuguesa exerceu uma grande influência sobre os territórios vizinhos como Extremadura espanhola até Valencia, Alcantara, Huelva, etc.

A civilização central espanhola que abrangia a maior parte da Península caracteriza-se pelas grutas, pela pobreza de material lítico e pela cerâmica ornada com incisões e relevos. No neolítico final a cerâmica é decorada com incisões unciais e cordões, espalhando-se a sua influência sobre a Andaluzia (Gruta dos Murcielagos), Castela, Logroño, Navarra, etc. Com o eneolítico inicial a cultura central divide-se em vários sub-grupos, como o catalão, o grupo Extremadura-Segovia, etc. Com o pleno eneolítico a cultura megalítica portuguesa exerce a sua influência no vale do Guadalquivir, espalhando o uso do cobre e das construções dolménicas.

A civilização de Almeria caracteriza-se pelo sepélio em fossas por vezes revestidas de tijolos, por pontas de seta com pedúnculo e em forma de losango, pela abundância de metal e pela cerâmica lisa. No neolítico final encontram-se as aldeias de El Garcel e Tres Cabezas, caracterizadas pela abundância de sílex sobretudo de micrólitos tardenoisienses, pela falta de pontas de setas e pelas escórias de cobre; já no eneolítico inicial podem distinguir-se duas fases: a fase A (Gerundia) com braceletes de *Pectunculus*, micrólitos, pequenos objectos de cobre, cistas com ângulos arredondados, e uma fase B (Parazuelos) com machados de cobre e belas pontas de setas. No pleno eneolítico apresenta

povoações dos tipos de Los Millares e Almizaraque, dotadas de rica utensilhagem, como alabardas do tipo português, pontas de setas com a base côncava e os ídolos placas, de xisto; pérolas d'âmbar e um punhal de dente de hipopótamo; na cerâmica, uma riqueza notável de tipos dos quais os AA. destacam o vaso caliciforme, e os vasos ornados com os olhos apotropeicos estilizados, que nos servem para marcar a propagação desta cultura.

Quanto às características da cultura pirenaica, consideram os AA.: as sepulturas megalíticas do tipo avançado (influência portuguesa), cerâmica indígena com ornamentos, pontas de seta do tipo de Almeria e o vaso caliciforme. Abrange esta cultura dois grupos, o basco e o catalão, sendo as estações do primeiro (Igartze, Arzabal) muito pobres: pontas de seta triangulares de pedúnculo mal retocadas, contos de pedra vulgares, pequenos objectos de bronze e os vasos caliciformes do tipo almeriano simples, com zonas de linhas de pontos entre duas linhas paralelas feitas com um fio; o grupo catalão (Pallares, Vich, Ampurdan, etc.) é muito mais rico, tendo uma utensilhagem mais perfeita e estabelecendo a transição para as zonas francesas, tendendo a desaparecer na Península nos primeiros tempos da idade do Bronze, enquanto que em França ainda evolui dando origem a novos tipos. No princípio do período do Bronze as civilizações peninsulares dão lugar a uma civilização de Almeria, caracterizada pela cerâmica de El Argar, e que os autores julgam autóctona, produzida pela evolução «in loco» da cultura almeriense que teria abandonado os tipos de Los Millares, para de novo usar a cerâmica sem ornamento, aperfeiçoar a técnica e estereotipar algumas formas conhecidas já anteriormente. Esta civilização é, na sua essência, mineira, como provam as explorações do Algarve, Sierra Cordoba, etc.

A difusão da cerâmica e dos tipos argáricos seria devida a simples relações económicas e não à conquista feita por um povo mineiro, que teria saído de Almeria à procura de jazigos metálicos. O último parágrafo é reservado ao estudo da antropologia peninsular; constata um predomínio dos dolicocefalos sobre os braquicefalos, não aceitando a opinião do prof. Mendes Corrêa, de que a mudança da população do neolítico seja devida a uma invasão dos povos não negroides, mas admitindo como mais verosímil uma continuidade de raças, atenuadas até ao desaparecimento dos caracteres inferiores. Quanto às outras culturas nota-se uma grande maioria de dolicocefalos sobre alguns braquicefalos, como em Ciempozuelos, e uma raça pirenaica ocidental mesocéfala.

O trabalho que acabamos de analisar, é ornado com duas belas cartas, mostrando a distribuição geográfica das culturas

peninsulares durante o neolítico final e o eneolítico, contendo também fotografias muito nítidas e elucidativas.

H. PINTO LIMA.

BOSCH GIMPERA — *La migration des types hispaniques à l'énéolithique et au debut de l'âge de bronze* — Extr. da «*Revue Archéologique*», 1925.

Neste pequeno opúsculo procura o autor demonstrar que a propagação de determinados tipos industriais hispânicos não é devida a migrações de povos semelhantes às invasões dos povos bárbaros, mas a simples relações económicas.

Constata a existência na península Ibérica, durante o neolítico, de 4 grandes civilizações: a *dolmênica portuguesa*, a das grutas com cerâmica incisa, abrangendo o centro da Espanha, Andalusia, Catalunha e SE. da França, que mais tarde evolui dando origem à civilização dos vasos caliciformes com zonas; a *de Almeria*, talvez de origem africana e introdutora na Europa Ocidental do uso do cobre; e finalmente nos Pireneus, a *civilização pirenaica*, propagadora na França de muitos tipos peninsulares. Todos estes tipos mantêm a sua própria personalidade, como o português, espanhol, pirenaico e francês, atribuindo-se a migração dos tipos a relações pacíficas, não só durante o neolítico e eneolítico, mas também durante os primeiros tempos da idade do bronze, como as semelhanças encontradas por Aoberg entre as alabardas e decoração incisa dos ídolos de pedra de Folkston e os cilindros calcários e ídolos-placas portugueses, entre a decoração dos machados e punhais ingleses e os ornamentos geométricos espanhóis, etc. A Bretanha serviria de entreposto comercial entre a Europa do Norte e do SW.

Afirma o autor a não existência até às fases avançadas da idade do bronze, de relações entre a Itália e as ilhas ocidentais do Mediterrâneo e o Mar Egeu. A Espanha estaria desde o neolítico em contacto com as civilizações da Itália, da Sardenha e da Sicília. Para o autor, não foi um povo peninsular que deu origem aos vasos caliciformes renanos, mas um outro povo, talvez do oriente da França, intimamente relacionado com a civilização pirenaica.

Quanto à decadência das culturas peninsulares durante o último período da idade do bronze, seria devido ao desconhecimento dos jazigos metalíferos hispânicos, recrudescendo as culturas peninsulares desde que os fenícios os descobriam.

H. P. L.

BOSCH GIMPERA — *La Prehistoria de los Iberos y la Etnologia Vasca* — Separata da «*Revista Internacional de les Estudios Vascos*». S. Sebastian, 1926.

Este folheto do notável prehistoriador de Barcelona tem por fim completar as conferências por êle realizadas em Bilbao durante Janeiro de 1923.

Considera o autor os bascos como derivados dos povos pirenaicos do neolítico, diferindo profundamente dos iberos, cujos antepassados seriam os almerienses. Tanto a antropologia como a arqueologia atestam a permanência dum tipo físico e duma cultura no SE. da Península durante todo o neolítico até aos primeiros tempos da idade do bronze; é o tipo dolicocefalo mediterrânico que predomina sobre uma minoria de crânios, que pertencem a outras raças, hoje ainda mal estudadas, das necrópoles argáricas de Almeria. A permanência dos tipos culturais arcaicos almerienses durante a cultura ibérica, vem comprovar a primeira asserção do autor: os almerienses são os antepassados dos iberos. Ao N., o distrito montanhoso da Catalunha permanece livre da influência de Almeria, desenvolvendo-se a cultura pirenaica das cavernas, devida a uma raça braquioide, cuja influência cultural se sente durante a I e a II idade do ferro, referindo-se os textos a povos pre-ibéricos aí situados como os Indigetias, Ceretas, Ausoceretas, etc., e que mantêm a sua personalidade bem marcada, mesmo depois da onda capsense, como a cultura asturiense, intimamente ligada com a aziliense, diferindo em alguns pontos principalmente no que se refere à alimentação, graças a uma mudança climática. Devido a razões topográficas, os cantabro-pirenaicos permaneceram isolados durante o neolítico, até que no eneolítico copiam os tipos almerienses, transformando-se de pastores em povos guerreiros que levaram as suas correrias até territórios muito distantes. Mas o aparecimento do vaso caliciforme na Europa Central não se deve explicar por migrações de povos, mas por relações pacíficas, sendo indubitável porém que no SE. se deu um movimento de povos, motivado por uma migração dos pirenaicos, de carácter guerreiro, como o prova o achado de ossos humanos com pontas de setas cravadas.

Como o tipo físico dos habitantes e a sua cultura permanecem inalteráveis durante a época de Hallstatt e época histórica e como ainda hoje o basco apresenta as mesmas características antropológicas, admite o autor que os bascos sejam os representantes actuais das antigas raças, essencialmente europeias, construtoras das sepulturas megalíticas dos Pireneus. Depois encara o autor o problema da origem da civilização almeriense, que julga ser afri-

cana. As culturas almerienses seriam independentes das culturas orientais, não sendo prováveis relações entre o Mediterrâneo-Oriental e a Península durante os tempos anteriores ao neolítico. Sendo a evolução cultural da Península paralela à do N. de África, não há nada de extraordinário neste facto, pois a cultura capsense é de origem africana, e em Portugal o homem de Muge apresenta caracteres negroides, como demonstrou o prof.º Mendes Corrêa. A civilização capsense teria a sua origem no Sahará, estando relacionada com as civilizações predinásticas egípcias, da Líbia e da Núbia; pelas esculturas ibéricas, os iberos seriam idênticos aos bárbaros actuais.

Abordando o problema filológico da origem do ibérico, o autor constata a concordância dos resultados da antropologia e da arqueologia, com os dos últimos trabalhos filológicos de Schulten, Schuchardt, Gomez Moreno, etc., provando o paralelismo da toponímia ibérica com a do N. de África.

As semelhanças entre o basco e o ibero seriam devidas às simples influências de vizinhança, considerando o autor como pouco admissíveis tôdas as hipóteses que filiam o basco no ligúrico (supõe, contudo, algumas infiltrações ligúricas por intermédio das tribus do S. da França) como pretende Schulten, supondo os ligures como uma generalização infundada dos gregos, ou aquelas que procuram a sua origem no Cáucaso, como tentaram Uhlenbeck, Marr, Hinning, etc., visto que uma migração vinda do Oriente da Europa para a Espanha não pode ser baseada só na toponímia, desprezando tôdas as conclusões da arqueologia e da antropologia, que filiam os dolocóides nos capsenses africanos. Não é também admissível uma colonização sumérica da Península, como pretende Sayce, identificando a Ibéria com o país do estanho, visto que não é sobre ligeiros indícios que se pode estabelecer uma hipótese séria que filie a origem dos povos peninsulares no Oriente.

H. P. L.

ANGEL DEL CASTILLO LÓPEZ — *Hachas de bronce de talón* — Sep. do «Boletín de la Real Academia Gallega», 52 págs. e 13 figs. La Coruña, 1927.

O autor começa por estudar o achado feito em Cumbras, em 1926, dum depósito de machados de bronze, de talão e de dois anéis.

A descrição incide sobre cinco, dos sete machados encontrados, sendo acompanhada de boas figuras, perfis e secções dos mesmos.

Em seguida enumera o autor seis depósitos análogos na Galiza, num dos quais havia cento e vinte machados, e os achados de machados de talão, também na Galiza (cêrca de trezentos e cinquenta), ilustrados com os desenhos de quinze desses machados. É frizado justamente o facto de se efectuarem os achados avulsos, na sua maioria.

A análise química dum dos machados revelou uma grande riqueza em estanho e fraca percentagem de chumbo, observando o autor que a classificação baseada na composição só se poderá fazer quando se dispuzer de mais numerosas análises.

O capítulo mais extenso ocupa-se da distribuição dos machados de talão, patenteada em três mapas, completado por outros dois sobre a cronologia e povos que as utilizaram.

Este trabalho de conjunto, realizado tão completamente pela primeira vez na Península, é deveras importante pela falta de bibliografia que havia sobre o assunto e pelas conclusões a que chega.

Assim, dos machados de talão sem anéis apenas se conhecem dois exemplares; «de um anel são já mais numerosos, sendo o tipo mais espalhado pela península; ainda que o mais abundante, posto que a área de distribuição seja mais reduzida, é o chamado *ibérico* ou de duplo anel, etc.» (pág. 26).

Aduzidas as razões para a origem no noroeste peninsular do tipo ibérico, ou melhor galaico-português (Obermaier), confirma-as o autor fazendo o inventário dos achados (págs. 33-47).

Não está descuidada a parte que diz respeito a Portugal, porém a falta de catálogos, que tanto se faz sentir nos nossos museus, e de artigos especiais, provocou algumas omissões que não são para estranhar.

Sendo por ora impossível, apesar da abundância dos achados, fixar a sua cronologia, não é para admirar que, depois de expor as diferentes hipóteses sobre os fabricantes destes machados, o trabalho notável do sr. D. Angel del Castillo termine por uma interrogação que de-certo levará muito a ser elucidada, se é que um dia o será.

RUY DE SERPA PINTO.

JULIÁN LÓPEZ GARCIA — *La Citania de Sta. Tecla o Una ciudad prehistorica desenterrada* — 1 vol. de 120 págs. com 76 figs. La Guardia, 1927.

Dedicados aos visitantes do Monte de Sta. Tecla, reuniu o autor nestes «apontes arqueológicos» interessantes observações

sobre a mais importante estação arqueológica do noroeste peninsular.

A construção duma estrada, em 1922 segundo creio, dirigida pela benemérita «Sociedad Pro-Monte Santa Tecla», deu lugar à descoberta de numerosas casas circulares no cume do monte e na falda que, sobranceira ao rio Minho, defronta com Portugal.

As explorações continuaram a expensas da Sociedade, que possui hoje no seu museu, em La Guardia, uma colecção cuja visita é indispensável a todos os arqueólogos, pelas riquezas que encerra.

O autor estuda as diferentes culturas, desde o paleolítico à ocupação romana, representadas abundantemente na estação, o que nos impede de fazer referências especiais a cada capítulo.

Permitimo-nos discordar da atribuição ao neolítico da cerâmica representada nas figs. 27, 28 e 29, em que não se faz a separação entre cerâmica incisa e estampada, confusão que se nota nas figs. 67-71. Passaram despercebidos os palmípedes estampados e suas estilizações, muito frequentes, sobretudo nos cossoiros. Outros pequenos reparos teríamos de fazer quanto a questões de cronologia e classificação.

Como mais interessante, destacaremos o capítulo VI, onde o autor faz o estudo das casas circulares. Só em duas aparecem pequenas janelas. O aparelho é poligonal irregular. No meio da casa encontra-se a pedra onde se apoiava a coluna que suportava o tecto de colmo, ao lado desta fica em geral a lareira (no museu conserva-se uma completa) e um moinho manual (são muito frequentes as mós manuais com orifícios para se adaptar o mango para movimento). Muitas casas teem uma dependência anexa (como em Sta. Luzia e Briteiros) onde se guardava o gado, prêso a argolas de pedra.

É muito notável a série de gravuras em pedra (estrêlas, ídolos, gravuras zupestres, etc.), de que o autor pretende deduzir o aspecto religioso dos castrejos. A cabeça de animal (fig. 54) atribuída a um cão, e que vimos no Museu, parece pertencer antes a um carneiro.

No Museu conserva-se, ainda inédito, um interessante baixo relêvo antropomorfo, partido na parte superior do tronco, que, na figuração do saio e das pernas, parece uma réplica duma gravura da segunda idade do ferro descoberta pelo prof. dr. Mendes Corrêa no Monte do Castelo (Penafiel).

A colecção de objectos de bronze do Museu é muito notável, destacando-se o punho duma espada de antenas, o punho dum punhal forrado de prata e ornamentado, espadas, anzóis, allinetes, fíbulas, etc., reproduzidas em boas gravuras, editadas em postais,

pela Sociedade Pro-Monte. Quanto às fíbulas (anulares do tipo de Briteiros, dum novo tipo determinado pela forma particular do botão, etc.), entre as quais algumas há ornamentadas, pena é que o seu agrupamento não tivesse sido feito sistematicamente.

É curiosa a ausência completa de inscrições. Apenas em alguns fragmentos cerâmicos (principalmente colos e umbos de ânforas) se encontraram marcas de oleiro, estampadas ou grafitadas, de que o autor enumera oito.

Esperamos que o sr. López Garcia, digno vice-presidente da Soc. Pro-Monte Santa Tecla, não fique por êste livro de conjunto, e, em novos trabalhos, dê a conhecer o que as explorações forem trazendo à luz, para honra da prestante Sociedade e regalo de todos os arqueólogos.

R. S. P.

P.<sup>o</sup> EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Un nuevo castro galego (Oya, Pontevedra)* — No «Bol. de la Comision Provincial de Monumentos Hist. e Art. de Orense», t. VIII, n. 173, pág. 32-41, com 4 gr. Orense, 1927.

Ao incansável investigador do *asturiense* na Galiza, P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, deve-se a notícia do castro de Oya, um dos muitos por êle explorados em Espanha e Portugal.

Êste castro tem importância para a arqueologia portuguesa, pelas afinidades que apresentam os objectos nêle encontrados com os de vários castros portugueses. Como nestes e noutros castros galegos, nota-se a ocupação desde a idade do bronze até à dominação romana, com persistência de tipos primitivos, sobretudo nos objectos metálicos.

Os primeiros achados datam de 1920. Um grande *dolium*, com 71 cm. de diâmetro na bôca, encontrado intacto pelos trabalhadores, foi por estes partido para ver se continha moedas de ouro.

Na necrópole, descoberta casualmente em 1921, foram depois exploradas pelo autor bastantes sepulturas, quadradas e rectangulares, construídas de pedras ou de tégulas, que continham apenas fragmentos atípicos de cerâmica.

Próximo encontraram-se fragmentos cerâmicos com círculos concêntricos estampados, com incisões paralelas, etc., fragmentos de *terra sigillata* e cossoiros de barro. Na fig. 4 distingo uma *tessera* de barro, de que conheço exemplares semelhantes de Santa Tecla (Galiza) e de vários castros portugueses.

Mais de vinte pesos de rede, pequenos pesos de pedra em



forma de oito (pouco vulgares em Portugal e muito freqüentes na Galiza), mós manuais, duas pedras das sepulturas com orifícios e uma pedra com côvnhas, constituem os achados líticos. A norte do castro fica uma curiosa série de gravuras zupestres já descritas pelo autor.

De bronze encontrou-se um machado do tipo galaico-português (talão e dois anéis) com botão de fundição, uma fíbula do tipo de Briteiros e um anel; de ferro uma pequena faca. O P.<sup>o</sup> Jalhay descreve ainda outro machado do mesmo tipo, encontrado em Mongás, próximo de Oya.

O único numisma, achado nas imediações, é um médio bronze de Cláudio (séc. I de J. C.).

R. S. P.

NILS ABERG — *The Anglo-Saxons in England during the early centuries after the invasion* — 219 págs. e 319 figs. Uppsala, 1926.

Dado à estampa pelo V. Ekmans Universitetsfond, apresenta Aberg neste volume, da série que vem publicando com tanta autoridade sobre a última migração dos povos, o fruto dos seus estudos, em trinta e cinco museus ingleses e seis do continente, sobre o estabelecimento da cronologia daquele período com a ajuda do material anglo-saxónico.

No longo inventário, documentado com muitas e primorosas gravuras, o autor mostra como a arqueologia comprova a opinião da invasão da Inglaterra em meados do século V, não podendo contudo distinguir as culturas das tribus germânicas invasoras, os Anglos, Saxões e Jutos, segundo Bede.

É muito obscuro o problema das sobrevivências clássicas que se observam nos achados mais antigos, posteriores à retirada dos Romanos.

Parece que se deve atribuir aos Jutos a cultura, algo diferenciada, do Kent e Ilha de Wight, devida a princípio às importantes relações comerciais com o continente (que se foram desenvolvendo), e que mais tarde se tornou notável pela perfeição dos seus produtos, propagando-se à Irlanda.

Com a conquista da Itália pelos Lombardos, pelo meio do século VI, dá-se o encontro das influências germânicas e bizantinas na Europa Central, combinando-se os motivos entrelaçados bizantinos com a ornamentação animalista setentrional.

Desenvolvendo-se o comércio anglo-saxónico com o Oriente, devido talvez ao tráfico de escravos e à política de aproximação

continental, novos produtos são importados, como as granadas, *meerschaum* (pedra branca parecida com marfim), vasos coptas, etc.

Para a cronologia das representações animais escandinavas, tem importância, segundo o autor, os ornatos análogos anglo-saxónicos, de dois estilos, notando-se nestes uma tendência naturalista.

O agrupamento dos objectos baseia-se em razões cronológicas, técnicas e morfológicas, reunindo-se em quadros os ornatos do mesmo tipo. Nos dois últimos capítulos o autor trata da cronologia e estudo comparado da ornamentação, seguindo-se tabelas sistemáticas de todos os achados, acompanhados da respectiva bibliografia.

R. S. P.

BERTHA WYLER-CASTELLANOS — *Manifestaciones coroplásticas en el valle de los Reartes (Prov. de Córdoba)* — «Rev. de la Univ. Nac. de Córdoba», ano XI, n.<sup>os</sup> 7, 8 e 9 (Julho, Agosto e Setembro), 1924, 3 est.

Trata a autora primeiro nesta monografia de estabelecer precisamente a posição geográfica do vale de Reartes e determinar geologicamente a região. Apresenta depois os indícios de cultura neolítica encontrados nesta localidade. Estes notam-se nas habitações da população actual. Outros achados encontram-se disseminados pelos campos.

Foi em Março de 1918 que o dr. A. Castellanos encontrou neste vale muitos objectos, como vasos de barro, figuras antropomórficas, púcaros, pontas de sílex triangulares ou em forma de fôlha, ossos quebrados, etc. Estes achados estavam misturados com tições e fragmentos ósseos de *Lama huanacus* (Molina) Mtsh.

Nesta memória a autora ocupa-se apenas das figuras antropomórficas representadas por três cabeças de barro ordinário, cuja substância é descrita, assim como as formas figuradas e seus ornamentos característicos. Trata-se nestes casos de incisões em vasos de barro, que representam tatuagens ornamentais, produtos de arte grosseira e primitiva, que a autora descreve minuciosamente e desenha com clareza, apreciando os pormenores da técnica empregada.

A autora conclui do seu aturado estudo que estas amostras coroplásticas apresentam uma modelação que evidencia uma técnica evolucionada, embora primitiva, como o prova a abundância de linhas rectas e quebradas, com ausência de curvas, mas de alguma forma reveladora de habilidade manual. Não se verificaram no

*Kulturlager* do «Alto de las Conanas» restos funerários nem objectos cultuais ou amuletos. Fica portanto sem significação definida esta fabricação de imagens antropomórficas incompletas.

B. F.

LAMBERT EHRLICH — *Origin of australian beliefs* — Vienna, 1922.

Depois duma exposição breve da teoria animística de Tylor, da teoria de Frazer sobre a magia, da teoria totémica, da teoria pre-animística de King e Hartland, Lévy-Brühl e Hubert Mauss, da teoria de Marett, da teoria de Durkheim, seguida cada uma de considerações críticas, o autor demonstra que tôdas essas teorias são vãs, visto quererem incluir os diferentes elementos das crenças e ritos australianos, num esquema unilateral de evolução. Por isso, seguindo a teoria de Gräbner e Schmidt, o distinto professor da Universidade de Ljubljana refere-se à existência na Austrália de vários *Kulturkreis* (círculos de cultura) como: a cultura primitiva (cultura do *boomerang*), uma cultura totémica de filiação masculina, e uma cultura dualista de filiação feminina, diferindo muito os ritos e crenças de cada uma. Os grandes seres supremos como Daramulum, entre os Yuin, Mungangaua entre os Kurnai, seriam elementos da mais antiga cultura australiana, que depois de várias invasões foram identificados com os antepassados e heróis de cada tribu. Os *sêres supremos* apresentam por conseguinte dois aspectos: tribal e super-tribal. Sob o aspecto tribal são os chefes das tribus que combatem os outros deuses das tribus rivais; Daramulum é o grande chefe dos Karnilaroi que avança à frente da sua tribu para o Sul; como chefe, tem o seu campo, os seus arpões, as suas mulheres e a sua família. Sob êste aspecto, os deuses supremos de cada tribu diferem entre si. Mas, sob o aspecto super-tribal, afastam-se do individualismo das tribus e todos os deuses como *Nurrundere*, *Nuralie*, *Bundjil*, *Bayame*, *Daramulum*, actuam da mesma forma: criam a Terra, as árvores e os homens; todos instituem a cerimónia da iniciação, todos vão para o céu e todos estabelecem códigos morais idênticos. Sob êste aspecto os seres supremos não são de forma alguma chefes de tribus nem pertencem à espécie humana, mas pertencem a uma época pre-humana, a um tempo em que a Morte não era conhecida.

Além duma rica bibliografia, o autor apresenta dois mapas, mostrando a distribuição geográfica das organizações sociais e do totemismo na Austrália.

H. P. L.

AMÂNDIO TAVARES — *Variações anatómicas* — «Portugal Médico», n.º 2, Pôrto, 1926, sep., 6 págs., 2 figs.

O sr. dr. Amândio Tavares, assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, é autor de numerosos e interessantes estudos anatómicos, um dos quais *Sobre um caso de agenésia unilateral do grande e pequeno peitorais*, está publicado no 2.º volume dos trabalhos da nossa Sociedade.

A êste estudo de uma variação torácica se referiu o falecido prof. Dubreuil Chambardel no seu livro «*Les variations du corps humain*», chamando-lhe «une très importante thèse de Porto».

Nas *Variações anatómicas*, que vamos analisar resumidamente, o A. estuda o *buraco e chanfradura coracoideus*, e na segunda parte o *buraco sub-jugular de Serrano*.

A primeira das variações de que nos fala, é a transformação da chanfradura coracoideia em buraco coracoideu, anomalia escapular pouco frequente.

Baseia-se esta parte do trabalho em 161 observações, feitas em omoplatas, cêrca de dois terços dos quais pertencentes ao Museu do Instituto de Anatomia, e os restantes ao Museu do Instituto de Antropologia do Pôrto.

A presença do buraco coracoideu foi verificada apenas em três exemplares. Em mais quatro o orifício era quási completo.

Num elucidativo quadro de comparação o A. relaciona o resultado das suas observações com as de outros autores.

A percentagem de 1,8 % determinada pelo dr. A. Tavares para o buraco coracoideu é das mais baixas da escala. Apenas é superior à dos fineses 1,5 % (133 observações de Kajara), e àquela a que chegou Livon (0,39 %), observando 503 omoplatas. Um outro estudo português sobre o mesmo assunto, devido ao prof. Serrano, atinge a percentagem de 4,7 %, em 85 omoplatas.

Totalizando as observações portuguesas, isto é, as do A. e as de Serrano, determina-se para a frequência do buraco coracoideu a percentagem média de 2,8 % que se aproxima muito da obtida por Hrdlicka (2,7 %) sobre 431 omoplatas.

O sr. dr. Amândio Tavares não se refere ao trabalho do sr. prof. Mendes Corrêa, *Osteometria portuguesa*, que nas conclusões da 2.ª parte, «Cintura escapular», para o estudo da qual dispõe de 70 omoplatas, diz assim na parte respeitante ao assunto que tratamos:

«Os portugueses apresentam em geral a chanfradura coracoideia menos profunda do que os brancos da América e do que os índios americanos de Munsee. Também nêles é mais raro do

que nestes o buraco coracoideu. Na série portuguesa parece, além disso, haver no sexo masculino uma maior tendência ao aprofundamento da chanfradura do que no feminino, em que são mais freqüentes os casos de ausência de chanfradura. É o mesmo que se dá nas séries americanas aludidas. Ainda na nossa série verificámos que parece haver à esquerda uma maior freqüência de chanfraduras profundas do que à direita, em que é maior a proporção de casos de ausência de chanfradura.

O dr. Amândio Tavares faz também referência ao grau de desenvolvimento da chanfradura coracoideia que em alguns casos pode faltar, o que apenas lhe sucedeu em quatro exemplares. Compara também este resultado com o de outros autores. Alude ainda ao trabalho de Frassetto que procurou o buraco coracoideu nas diferentes ordens dos mamíferos, encontrando-o apenas duma maneira constante em certas famílias de desdentados e como variação individual em alguns primatas.

Refere-se depois, em especial, a um canal que observou no omoplata n.º 2 do Museu de Anatomia, canal não conhecido, pois, a não ser uma referência feita ao mesmo exemplar pelo sr. prof. dr. Hernani Monteiro, nenhuma bibliografia encontrou a tal respeito. Faz uma descrição minuciosa do canal em questão, que se estende desde a base da apófise coracoideia até à base da espinha do omoplata, entre as fossas supra e infra espinhosas.

Depois de discutir as hipóteses de se tratar duma forma do buraco coracoideu ou dum canal nutritivo de calibre considerável, que o A. mostra não se darem neste caso, põe ao canal em questão a designação bem própria de *canal infra-coracoideu*.

Na segunda parte estuda o buraco sub-jugular de Serrano.

Procedendo ao exame de 300 crânios e 43 occipitais do Museu do Instituto de Anatomia, e mais 170 crânios do Museu do Instituto de Antropologia, ou seja uma totalidade de 558 occipitais, apenas num dos crânios encontrou o buraco em questão. Este apresenta-se como um orifício arredondado pequeno, na superfície jugular direita e que o A. julga neste caso desse passagem a uma veia tributária do seio lateral.

O A. com um critério escrupuloso e lógico, refere-se à possível confusão do buraco sub-jugular com o canal condiliano médio, o que não sucede no caso presente, em vista da sua situação mais anterior.

SANTOS JÚNIOR.

JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA — Fossette para-lacrymale congénitale (une anomalie faciale très rare) — Extrait des «Bulletins et Mémoires de la Societé d'Anthropologie de Paris», VII série, t. VI, fasc. 4, 5 e 6. Séance du 15 octobre 1925, 4 págs., 2 figs.

É do mesmo professor o valioso trabalho *Fistula auris congenita*, publicado no vol. I dos trabalhos da nossa Sociedade, (págs. 85-121).

Entre as numerosas observações que constituíram o material para o estudo da fistula auricular, há uma cheia de interesse, como no-lo diz o próprio autor, «sobretudo no valor da linha ancestral das fistulas, linha de filas singelas, porque a anomalia só surge em um único membro de cada geração, mas de uma notável extensão hereditária, visto que abrange cinco gerações sucessivas no período mínimo de um século».

A árvore genealógica desta família foi dada pelo sr. prof. dr. José Maria de Oliveira no trabalho mencionado, e é agora reproduzida, com a adição dos casos de fosseta para-lacrimonal congénita.

A quarta geração da família portadora da fistula auricular é constituída por uma senhora portadora de fistula auricular dupla, que, casada em segundas núpcias, teve três crianças: duas meninas e um rapaz. As duas meninas constituem o objecto desta curiosa observação; ambas apresentam fosseta lacrimal à direita. O irmão-zito apresentava fistula auricular à esquerda. Nos casos em questão a curiosa anomalia surge como uma pequena depressão elítica, junto do ângulo interno do olho direito, um pouco para baixo e para dentro da fenda palpebral, limitada por um pequeno levantamento da epiderme, constituindo-lhe como que um bordo.

É opinião do autor, confirmada pelo eminente teratologista prof. dr. J. A. Pires de Lima, que a fosseta para-lacrimonal congénita deve corresponder a uma falta de coalescência embrionária do tegumento na parte mais externa e superior da fenda lacrimal embrionária à cultura do saco lacrimal.

Com umas breves considerações sobre o mecanismo embrionário desta anomalia que o autor diz ser provavelmente o das disjunções, termina a curiosa notícia sobre uma particularidade até agora desconhecida e que é de-veras interessante.

S. J.

DR. MED. ET PHIL. V. SUK—*Über den Einfluss des Ferienaufenthaltes auf dem Körperlichen Zustand der Schulkinder*—Extr. de «*Mitteilungsblätter des deutschen Vereins für Schulgenesheitspflege*». Sonderheft, 1927.

São aqui expostos os resultados do exame médico feito em 54 crianças antes de partirem para uma colônia de férias e depois daí passarem 4 semanas.

É claro que em tão pequeno espaço de tempo não podia o autor encontrar diferenças consideráveis; só a capacidade pulmonar, o perímetro do abdomen e o peso, sofreram aumentos dignos de menção, respectivamente 11,9 %, 8,3 % e 7,4 %.

O autor, para estas suas investigações, serviu-se de observações fisiológicas e morfológicas.

Na escolha das medidas faz confusão entre medicina e antropologia. Estamos de acordo em que simples medidas e índices sejam insuficientes para nos darem uma ideia nítida do estado corporal de qualquer classe duma população; sendo a antropologia uma ciência essencialmente morfológica, os seus índices e medidas em geral só nos dão indicações sobre a forma ou modificações da forma do todo ou da parte a que se referem. Mas como muitas vezes êsses resultados obtidos nos permitem tirar conclusões clínicas, não percebemos porque se não devam adoptar os métodos antropológicos em tais investigações.

Acha o autor extraordinário que uma antropóloga ao estudar um individuo tivesse tirado 25 médias; devemos supor que a formação do autor em filosofia ou foi numa secção que não abrangia a antropologia ou numa faculdade que não tinha esta disciplina. Senão devia recordar-se de que, se quisesse estudar conscienciosamente um crânio, certamente teria de fazer mais de 25 medidas.

Nas seriações feitas, calcula o autor os desvios padrões, mas não tira conclusões dos números obtidos. E, em todo o caso, a variação destes números no perímetro do abdomen e na capacidade pulmonar, mostram-nos que no primeiro caso foram justamente os perímetros menores os que mais aumentaram, tornando a série mais regular, enquanto que no segundo êsse aumento foi muito irregular.

Relativamente à dinamometria, não houve modificação das médias, o que, como diz o autor, não é de admirar, pois que estas crianças, pertencentes tôdas a classes pobres, deviam dar o mesmo trabalho aos músculos dos braços em casa e em férias.

Parece-nos que, desejando o autor observar as modificações dos músculos numa colônia de férias em crianças entre 9 e 12

anos, não devia descurar uma medida nos membros inferiores, pois são estes os mais sobrecarregados nos brinquedos próprios da idade.

A. A.

PROF. YRJÖ KAJAVA—*Die anthropologische Untersuchung des finnischen Volkes*—Extr. de «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. II, Heft 4, 1925.

Passando em revista tôdas as investigações antropológicas feitas na Finlândia, apresenta-nos o autor neste trabalho a população daquele país como definida pelos seus principais caracteres antropológicos, quasi todos observados no vivo, pois, além do índice céfalico e dum estudo dêste mesmo autor sobre a cintura escapular, mais nenhum carácter de esqueleto se encontra nos trabalhos citados. Em todo o caso, pelo estudo no vivo, fica a população da Finlândia bem definida, notando-se mesmo diferenças entre a população que fala a língua sueca e a que tem por língua materna o finlandês.

É curioso notar-se que entre estas duas populações, a que se afasta mais da raça do Norte, é a de língua finlandesa. São diferenças mínimas, mas que nem por isso deixam de ter algum interesse.

Mas não foi só no adulto dos dois sexos que se fizeram observações antropológicas; a criança finlandesa e o seu desenvolvimento, foram cuidadosamente estudados. É também interessante o resultado das medidas tomadas nas diferentes partes do intestino, que foram sériadas também por idades.

Vemos assim que, nos finlandeses, o intestino delgado e o grosso crescem até cerca dos 50 anos de idade, principiando depois a diminuir, enquanto que o apêndice cecal, tendo atingido o seu comprimento máximo relativamente cedo, aos 15 anos, decresce depois durante o resto da vida.

A. A.

MILCIADES ALEJO VIGNATI—*Facetas supernumerarias—su presencia en los astrágalos y tibias de un Guayaquí*—*Physis* «*Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Naturales*», VII, 25 de Março de 1924, Buenos Aires, 1924.

Nesta comunicação o autor descreve anomalias encontradas em um esqueleto de índio Guayaquí, existente no Museu Nacional

de Buenos Aires. Menciona sobretudo as facêtas articulares extraordinárias no astrágalo, correspondentes a superfícies da extremidade tibial em contacto com aquele ôsso do tarso. Estas facêtas figuradas na publicação encontram-se com freqüência nos antropóides, no Gorilla e no Orango, e também nos indivíduos de raças indígenas, que permanecem habitualmente em atitude sentada ou de cócoras. O autor considera este carácter como adquirido, em virtude da posição, porque se encontra nas crianças e até nos fetos e portanto se transmite hereditariamente.

É interessante a verificação destas facêtas supranumerárias nos Guayaquíes, que formam um dos agrupamentos mais retardados da América. Lembra ainda o A. que o modo de andar destes índios se assemelha ao dos antropóides, na sua incerteza e vacilação, de modo que a tibia forma um ângulo muito fechado com o pé, facto de observação que a existência daquelas facêtas justifica.

B. F.

M. A. VIGNATI — Dos fêmures de indígenas sudamericanos — *Physis*, «Rev. Soc. Argent. de C. N.», VIII, de 23 de Maio de 1925. Buenos Aires, 1925.

Nesta memória o autor estuda algumas variações e anomalias encontradas em dois fêmures de índios sul-americanos, fundado na obra de Thomson sobre a influência da atitude na forma das superfícies articulares da tibia e do astrágalo, no homem e nos monos antropóides («*Journ. of Anat. and Physiol.*», XXIII, Londres, 1889), que as interpretou como carácter adquirido e por consequência da flexão forçada, imposta pelo hábito de estar de cócoras. Tais facêtas suplementares foram também encontradas por Charles (Havelock) (ibid. XXVIII, Londres, 1894) nos habitantes do Penjab e ainda outras correlativas que apareciam no fêmur e se encontravam também nos fetos e recém-nascidos.

M. Boule comprovou a existência destes caracteres nos monos cinomorfos, pelo que entende que estes sinais tem valor filogenético e se mantem nas populações em que o hábito de permanecer de cócoras é geral, como factor da perpetuação deles. Estas facêtas supranumerárias foram reconhecidas também no Gorilla e no género *Simia*, bem como no *Homo Neanderthalensis* e o autor assinala-as nos aborígenes da América do Sul, nos Guayaquíes e no esqueleto do homem do arroio de Siasgo. Porém, a facêta femural é mais rara. Foi contudo mencionada no *H.* de Neanderthal, nos habitantes do Penjab, nos Senoi e nos Suíços.

Esta anomalia é simétrica. Efectivamente os Guayaquíes passam uma parte da sua vida na posição acocorada, como os outros povos em que se notam aqueles caracteres.

B. F.

A. FRÓES DA FONSECA — As novas fichas antropológicas do Museu Nacional — «Boletim do Museu Nacional», vol. III, Rio de Janeiro, 1927.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro, cuja direcção está confiada a um eminente naturalista e antropólogo, o prof. Roquette Pinto, é um importante centro de investigações científicas, entre as quais possuem um lugar de realce as de carácter antropológico. Já nesta revista temos assinalado o labor meritório do illustre professor brasileiro. Não queremos, porém, deixar de registrar alguns trabalhos doutros autores que o Boletim daquele Museu e outras publicações tem inserido, fornecendo testemunho cabal da actividade científica daquele instituto e dos colaboradores do prof. Roquette Pinto.

O «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, de 13 de Novembro de 1927, publicava na íntegra uma lúcida conferência que, sobre o povoamento da América e migrações no continente americano, a prof. d.<sup>ra</sup> H. Alberto Torres, do Museu Nacional, realizou em 27 do mês anterior na Escola Politécnica. É particularmente interessante nesse trabalho o quadro sumário das culturas antigas e modernas de populações indígenas sul-americanas, em especial do Chaco, da Rondônia e do Alto Xingú.

No Boletim do Museu Nacional publicaram-se desde Agosto de 1925 até Setembro de 1927, entre outros, os seguintes artigos: *Tupys e Tapuyas*, de João Barbosa de Faria; *Etnografia indígena do Rio de Janeiro*, de Cornélio Fernandes; *Situação histórico-cultural dos Karáyás*, de J. A. Padberg Drenkpol; *Nota sobre as inscrições da serra da Onça*, de S. Fróes Abreu; *Os Cuingangs ou Coroados no Rio Grande do Sul*, de Carlos Teschauer; *As novas fichas antropológicas do Museu Nacional*, de A. Fróes da Fonseca.

Neste último artigo, o autor descreve as fichas antropológicas para escolares e para observações em cadáveres, que organizou, de acôrdo com as instruções do prof. Roquette Pinto, e sucessivamente indica os princípios que o nortearam, o instrumental adoptado para as mensurações, os pontos de referência, a técnica das diferentes medidas, os principais índices, etc.

Um bom critério e uma meticulosidade apreciável guiaram nessa tarefa o autor que, imprimindo à sua exposição uma sóbria

feição prática e despindo-a dum aparato erudito inútil, mostra, no entanto, um conhecimento muito minucioso e exacto das modernas orientações sôbre o assunto.

M. C.

TANEMOTO FURUHATA — One the heredity of the blood groups —  
Repr. from «The Japan Medical World», 1927.

São deveras importantes as investigações que no Japão teem sido levadas a efeito sôbre os grupos sanguíneos, sua distribuição e sua hereditariedade. Na presente memória o prof. Tanemoto Furu-hata, professor de Medicina Legal em Kanazawa e autor, só e em colaboração com os drs. Ichida e Kishi, de outros trabalhos sôbre o mesmo assunto, expõe o seu esquema de repartição hereditária dos grupos sanguíneos, que considera em número de seis sendo, além dos quatro clássicos, um II e um III híbridos ou heterozigotos (isto é, contendo também alelomorfos do grupo I). Esse esquema não difere muito daquele a que Bernstein, independentemente, chegara quasi na mesma ocasião. Em seguida o autor apresenta os resultados do estudo dos grupos sanguíneos, de 1916 a 1927, por vários investigadores japoneses, num total de 611 famílias, com 1.538 crianças. Mais numerosas são, porém, as novas observações que elle mesmo expõe no presente estudo. O prof. Furu-hata examinou a distribuição hereditária dos tipos hemáticos em 958 famílias, constituídas por 3.951 pessoas, das quais 2.035 crianças. Este pecúlio considerável de observações dá bem a medida da importância da memória de que nos estamos ocupando.

Sôbre êsses materiais elaborou o autor uma teoria e várias leis da hereditariedade dos grupos sanguíneos, estudando as aplicações médico-legais do conhecimento da repartição hereditária dêsses grupos quer na presunção dos filhos pelos grupos hemáticos dos pais, quer na dum dos progenitores pelos grupos do filho e do outro progenitor, quer ainda nas dos pais pelos grupos dos filhos.

Expusemos em alguns artigos as reservas que a prudência nos dita relativamente a algumas interpretações recentes da hereditariedade dos grupos sanguíneos e às aplicações médico-legais dessas interpretações. Mas não negamos, nem podíamos negar, que a hereditariedade hemática, a hematologia étnica e as aplicações da hematologia à investigação da paternidade oferecem perspectivas do maior interesse à investigação científica. Os trabalhos do prof. Tanemoto Furu-hata e os dos seus colaboradores,

pelo bom critério que os anima e pela soma enorme das observações efectuadas, permitem-nos concluir que — se fôr possível distinguir laboratorialmente num exame individual os grupos II e III puros dos grupos II e III heterozigotos — a concordância dos factos colhidos com as leis e interpretações formuladas pelo investigador japonês, não serão meramente fortuitas ou apenas aparentes.

M. C.

LUCIEN MAYET — Adolescents délinquants et adolescents anormaux — Relatório ao 1.º Congresso das Instituições oficiais de Salvação da Infância. Lyon, 2 a 5 de Junho de 1927.

Numa síntese magistral o ilustre antropologista de Lyon, dr. Mayet, autor dum conhecido trabalho sôbre o desenvolvimento físico da criança e doutros importantes estudos a que noutro lugar aludimos, dá-nos em poucas páginas as suas ideias substanciais sôbre os tipos de adolescentes criminosos.

Depois de definir a adolescência e a delinqüência, expõe os factores da criminalidade dos adolescentes, que classifica em individuais e sociais. Os factores individuais que interveem particularmente nessa criminalidade são o aumento da força física e o desenvolvimento da sexualidade. Os factores sociais (miséria, meio imoral, defeituosa educação, promiscuidade, vagabundagem, etc.) tornam-se especialmente intensos quando se exercem sôbre os adolescentes. O autor repete, a propósito dos factores sociais, a frase de Lacassagne: «As sociedades só teem os criminosos que merecem».

A classificação dos adolescentes anormais e o estudo do seu comportamento são objecto de outros capítulos. O adolescente doente ou o adolescente psicopata podem ocasionalmente tornar-se criminosos. Os adolescentes mentalmente anormais fornecem um grande número de delinqüentes. Uns, diz o autor, são *débeis instáveis*, susceptíveis de adaptação, desde que sejam educados e vigiados; outros são *perversos instintivos* (débeis perversos, instáveis perversos e perversos propriamente ditos), inadaptáveis, mais ou menos perigosamente anti-sociais. A colectividade deve preservar-se dos seus actos criminosos, impedi-los de os praticarem e de lhe serem nocivos.

M. C.

LUIZ DE PINA — *Medicina popular segundo a tradição de Guimarães — Os santos curandeiros* — «Revista Lusitana», Pôrto, 1927, 29 págs.

É este trabalho o primeiro dos capítulos em que o autor repartiu o estudo da medicina popular no concelho de Guimarães.

O capítulo segundo, subordinado ao título de «As bruxas», constituiu o assunto duma excelente conferência realizada na última sessão da nossa sociedade.

À laia de prólogo, faz o autor, que escreve com elegância, uma série de considerações acêrca da influência supersticiosa que, na vida do povo, exerce o factor religioso, que, indo desde a fé pura e o misticismo duns à ignorância e fanatismo doutros, leva à realização de práticas por vezes bem extravagantes.

Seguem-se umas considerações gerais sôbre Guimarães. A sua fundação à sombra do convento de Mumadona determinaria como carácter hereditário uma religiosidade e devoção intensas, como veem atestá-lo um grande número de exemplos semeados pelo burgo e arredores de Guimarães. Uma curiosa nota é inserida pelo autor: «em Guimarães (concelho, estatística de 19 de Maio de 1877) havia 150 confrarias e irmandades, mais do que em todo o resto do distrito».

É da intercessão dos santos e dos poderes celestiais na cura dum grande número de doenças que o autor nos fala em seguida. Merece a primazia a explanação «Partos: mães e filhos».

É aqui que os benefícios e poderes dos santos e santas mais se manifestam. Há uma santa especialista que cura a esterilidade, outra que proporciona uma gravidez normal, há uma advogada duma boa hora, outra para uma boa secreção láctica, e outra ainda para que a criança seja sãzinha, etc., etc.

Há santos cuja especialidade é mais restricta ainda, e está neste caso Santa Margarida. É assim que «à saída das secundinas a mulher rezará três vezes:

Valei-me, Santa Margarida,  
Que nem estou prenha, nem parida».

Conhecemos de Trás-os-Montes (Moncorvo) práticas semelhantes às que o autor menciona. Dos nossos apontamentos vamos recortar uma deveras curiosa e que vem a talhe de foice.

Quando as coisas do parto correm mal, e, principalmente, quando a expulsão das secundinas demora, é remédio indicado o mandar alguém à capela da Senhora da Eirinha (N.ª Senhora das Necessidades) virar uma telha. Depois que a nuvem negra passou,

voltam a endireitar a telha que foi voltada. Igual virtude gozam as telhas da capela de S. Paulo.

É muito curiosa a prática, referida pelo autor e já descrita por Alberto Braga, que existe na freguesia de Briteiros. Terra da sepultura do rei ou do abade Wamba, e ervas do adro benzidas e molhadas na pia da água benta, são cozidas, e com a água banha-se a criança doente.

E muitas mais terapêuticas providenciais aparecem para um grande número de doenças: erisipela, males da cabeça, vermes intestinais, doenças da pele (lepra), pestes, bichôco, dores de dentes, farfalho, mau olhado, dormências, suores, doenças dos olhos e doenças do sistema nervoso, raiva, males do peito (tuberculose) e previsão de doenças, são males para os quais há santos ou santas ou santos e santas, que acodem prontos aos rogos do padecente.

Os intercessores são: Cristo, Virgem Maria, Espírito Santo, S.ª Margarida, S. Gualter, S.ª Águeda, S. Simão, S.ª Apolónia, S. Cipriano, S.º António, S. João, S. Braz e muitos mais; não falta S.ª Brígida como advogada da estupidez ou rudeza de aprender, e há S. Longuinhas para a cegueira.

S. J.

MÁRIO CARDOSO — *Bibliografia sarmentina* — Extr. da «Revista de Guimarães». Guimarães, 1927.

Com justificada admiração pela personalidade e pelo labor de Martins Sarmento, o sr. Mário Cardoso reuniu escrupulosamente e com método a bibliografia do eminente investigador, tarefa útil para todos os que se interessam pelas questões variadas que, êle focou nas suas publicações. Mas não ficou por aí o esforço meritório do sr. Mário Cardoso. O seu trabalho é antecedido por um estudo bio-bibliográfico, em que o culto pelo erudito vimaranense não obscurece a visão crítica do autor, o que imprime um valor especial ao elogio que de Martins Sarmento é traçado nesta publicação tão digna de apreço.

M. C.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira*, vol. II — *O que a nossa gente canta* — Lisboa, 1927.

Da sua benemérita colectânea de documentos etnográficos e folklóricos da Beira Baixa, dá o sr. Jaime Lopes Dias neste novo volume dum trabalho a que já aqui fizemos elogiosa referência,

uma série bastante numerosa de canções populares daquela província, recolhidas pacientemente, com o auxílio do sr. João Pereira Mineiro, professor de música do Reformatório de S. Fiel, que as musicou com acompanhamento de piano de modo a poderem ser executadas nos salões e pelos amadores de música.

Algumas das canções referidas são, como diz o autor, comuns a outras localidades, e é grande a beleza de muitas delas. Há decerto que distinguir os ciclos diversos a que pertencem, e estabelecer, tanto quanto possível, as suas origens. Seria igualmente interessante acompanhar as coreográficas duma notação dos movimentos, que permitisse uma ideia completa das dansas. Mas, se tais investigações e tais detalhes complementares são do maior interesse, nem porisso a contribuição que o sr. Lopes Dias acaba de fornecer ao estudo do folk-lore pátrio, deixa de merecer rasgados louvores.

M. C.

A. A. DE SANTANA RODRIGUES — *Le tatouage. Ses dessins et leur interprétation* — Extr. do «Arquivo de Medicina Legal». Lisboa, 1927.

O autor começa por um esboço da história da tatuagem desde a mais remota antiguidade até aos tempos actuais, em que ela aparece em selvagens e em civilizados, nos mais distantes recantos do globo. Estuda depois os motivos mais frequentes das tatuagens em Portugal. As investigações a que nós mesmos procedemos sobre o assunto, permitem-nos confirmar a sua asserção de que os cinco pontos (as cinco chagas) aparecem em Portugal com maior frequência do que o signo-saimão. É estudada também a tatuagem nas mulheres e o estado social dos tatuados. Citando várias estatísticas de tatuados entre os encarcerados, o autor não mencionou a nossa, que se refere a um maior número de observações (Vid. o nosso livro *Os criminosos portugueses*, 1.<sup>a</sup> ed., pág. 260), nada menos de cinco mil indivíduos. Entre estes, havia 561 homens tatuados e 40 mulheres tatuadas.

Sobre a evolução da tatuagem, o autor apresenta pontos de vista pessoais, contrariando, por exemplo, as opiniões de Laurent e Lacassagne e entendendo que as inscrições sucedem logicamente ao desenho dos objectos reais.

A tatuagem, na sua opinião, não significa atavismo, atrazo evolutivo ou degenerescência. Nasce do amor do ornato, da imitação e da vaidade, e a ociosidade das prisões favorece a sua difusão. Faz em seguida a classificação dos desenhos e um ensaio

da sua interpretação, concluindo pela análise do valor das tatuagens como elementos de identificação judiciária e como método terapêutico contra os naevi, cicatrizes desgraciosas, etc.

M. C.

LUÍS DE LEMOS D'OLIVEIRA — *Da Estatística Criminal Portuguesa* — Coimbra, 1928.

Como dissertação de concurso para assistente do Instituto de Criminologia de Coimbra, elaborou o autor um trabalho de crítica das estatísticas criminológicas portuguesas. Depois de expôr o que entre nós se tem feito neste domínio, aponta algumas deficiências das nossas estatísticas criminais, que nada dizem, por exemplo, sobre condições económicas, alcoolismo, costumes, meio social e categoria antropológica dos delinquentes e sobre os motivos dos delitos. Reconhece que alguns destes elementos não são de fácil colheita, mas nem porisso deixaria de ser vantajoso tentar obtê-los. Uma conveniente classificação dos delitos, uma remodelação das leis penais, a instituição, na medida do possível, de boletins individuais dos delinquentes, seriam, entre outras, medidas extremamente úteis para a documentação estatística dos variados aspectos da delinquência. Para o autor, que se revela um espírito lúcido e criterioso, a estatística fornece informes basilares sobre a marcha, frequência, causas e variantes do delito, sendo assim o seu emprego indispensável para marcar as orientações científicas na luta contra a criminalidade.

M. C.